

ANNA SEGHERS E EXÍLIO: HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE EM TRÂNSITO

BRUNO BEHLING¹;
HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO²;

¹*Mestrando em Literatura Comparada da UFPel – apenasbruno@yahoo.com.br*

²*Doutor em Letras – Teoria Literária; Professor no Centro de Letras e Comunicação da UFPel, orientador e co-autor - hjcribeiro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A palavra hôte significa duas coisas que nós distinguimos como hospedeiro – “dono da hospedaria” - e hóspede – o que deverá receber seus serviços. Como entender? O hospedeiro é alguém cuja vida consiste em servir o hóspede, que está sempre prestes a aparecer. Sua hospedaria, sua casa, deve estar, portanto, sempre em prontidão para que o hóspede chegue e se instale, se acomode. A casa do hospedeiro não pertence a ele, é primeiro do hóspede. (FARIAS, 2008, apud RIBEIRO 2015, p. 84)

Somos invariavelmente hóspedes, inelutavelmente estrangeiros. Todos nós. Ou pelo menos segundo a tradição judaico-cristã. “Sou peregrino na terra, não escondas de mim os teus mandamentos”, lemos em Salmos 119: 19. Ora, o que é um peregrino senão aquele que anda por terras longínquas, estrangeiras, às vezes sem destino determinado, errante? Um peregrino é, pois, constantemente, enquanto tal, um estrangeiro. Somos todos, no ocidente, herdeiros de uma cultura de hospedagem, por assim dizer. O nosso hospedeiro metafísico não apenas nos acolhe como coloca-nos à frente, temporariamente, de nossas próprias hospedarias. Seríamos feitos à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1: 26-27) e, assim, seríamos igualmente capazes de reproduzir tal cuidado com outrem.

Em Trânsito, nos traz a história do narrador alemão sem nome (ou que não revela o nome) que, após a fuga de um campo de concentração alemão, atravessa o Reno a nado, em direção à França. Sabendo que a tropa alemã se aproxima da capital francesa, ele então decide seguir em direção à Marselha desocupada. O personagem principal é mais um estrangeiro. Peregrino por natureza e por circunstância da guerra. É um hóspede, mais um. E, etimologicamente, esse termo vem da mesma palavra latina *hostis*, a qual também dá origem ao adjetivo *hostilis*, o que significa hostil ou inimigo de guerra, o qual é, por origem, estrangeiro.

Começo por considerar estrangeiro indesejável, e virtualmente como inimigo, quem quer que pisoteie meu *chez-moi*, minha ipseidade, minha soberania de hospedeiro. O hóspede torna-se um sujeito hostil de quem me arrisco a ser refém. (DERRIDA, 2003, p. 49)

Somente poderiam ficar em Marselha os refugiados que tivessem um visto de permanência, o que era conseguido apenas se o sujeito fosse, comprovadamente, partir. Para tal comprovação era necessário um visto de entrada em algum país: México, no caso do personagem principal. Contudo, a burocracia para a aquisição de vistos criava uma situação labiríntica, circular, de quase impossível realização.

Causava-me espanto como essas autoridades, em meio ao colapso geral, inventavam sempre procedimentos cada vez mais complicados,

para organizar, registrar e carimbar homens, sobre cujos sentimentos haviam perdido qualquer poder. Era o mesmo que tentar registrar cada vândalo, huno e lombardo, à época das invasões bárbaras.
(SEGHERS, 1987, p. 36)

Com a iminência da invasão alemã à Marselha, a tensão crescia a cada dia e, por causa da evidente instabilidade política da região, principalmente depois da invasão da capital francesa, em 1940, a burocracia para a aquisição de vistos aumentou na mesma medida que o número de refugiados. Entretanto, por causa de uma burocracia infinita, era comum que refugiados precisassem esperar por meses, sem dinheiro, com pouca comida e sem ter para onde ir até que conseguissem (ou não) o lugar tão esperado em um navio para longe do continente.

Entre os graves problemas de que tratamos aqui, existe aquele do estrangeiro que, desajeitado ao falar a língua, sempre se arrisca a ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou que o expulsa: o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc.

(DERRIDA, 2003, p. 15)

Há aqui presente, no romance *Em Trânsito*, uma espécie de anti-hospitalidade ou uma hospitalidade às avessas. E assim se configura pois há, de certa forma, a proibição da voz do hóspede. Não há praticamente cuidado nem qualquer preocupação que vá além de tolerar a presença do outro. O estrangeiro é, antes de tudo, tido como intruso, não é bem acolhido pelas instituições, não tem direitos e, assim, vai se configurando, a cada pequena violência, uma Hostilidade *Em Trânsito*.

Conforme a narrativa progride, ao invés da busca por um novo destino, ainda que para sua própria proteção, ele procura o enraizamento, e justamente, de maneira paradoxal, em uma terra consideravelmente hostil. Ele seria um *flâneur* que está em trânsito ou transição interno/a, em busca de permanência. Ele perambula pelos lugares, por entre a multidão, no entanto, o que ele realmente quer é apenas ter a liberdade de poder ficar. O protagonista sempre será estrangeiro, sobretudo de si mesmo, como aliás todos os demais sob o sol, porém com a sua permanência, agora ele poderá também receber os seus hóspedes.

2. METODOLOGIA

Este trabalho resulta de pesquisa individual e de encontros periódicos com o orientador do mestrado para discussões teóricas e definição de caminhos a trilhar na escrita do texto.

À priori, foi utilizada a análise de obras teóricas que incluem, principalmente, “*Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade*”, obra que contém textos de Derrida sobre a hospedagem, inclusive sob uma perspectiva histórico-cultural; “*El intruso*”, do francês Jean-Luc Nancy, que trata de como “o outro” é percebido por nós como um intruso, um inimigo, apenas por não ser originariamente do mesmo local. O estrangeiro que chega e os atritos que são gerados a partir disso são comparados pelo filósofo à rejeição física de um coração transplantado que agora pertenceria a um novo corpo; “*A subjetividade e o outro*”, de Luciane Martins Ribeiro, comentadora da obra de

Immanuel Lévinas, filósofo a quem é caro o conceito de ética como filosofia primeira, isto é, uma filosofia que seria construída a partir da alteridade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de Pós-graduação em Literatura Comparada, na linha de Literatura e História, no PPG de Letras da UFPel, deu origem à dissertação de título *"Anna Seghers: Do Exílio ao Nome Próprio"*, cuja escritura está ainda em curso. O texto foi submetido a uma banca de qualificação (e por ela aprovado) em julho de 2016, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

A referida dissertação objetiva investigar, em duas obras da escritora alemã, o romance *Em Trânsito* e o conto *O Passeio das Meninas Mortas*, aspectos relativos ao exílio, especialmente: 1. As implicações internas (o exílio em si próprio) e externas (hospitalidade, hostilidade) para aquele que se exila, aquele que é estrangeiro/intruso e que, apenas por sê-lo, está em uma posição contrária à ordem estabelecida, pois confronta. 2. O nome próprio e a potência que ele possui ao ser dito, tanto quando “nos dizemos” quanto quando “nos dizem”, uma vez que, a partir do instante em que há “alguém dito ou que se diz”, há responsabilização. Seghers viveu e escreveu em exílio por muitos anos devido à ascensão do Regime Nacional-Socialista na Alemanha. Em sua obra a escritora ficcionaliza, porém também se posiciona: ela se chama pelo próprio nome. Mais do que isso, ela problematiza o que é dizer o nome – e qual nome – na vida do autor, na ficção e na história. E fazê-lo, sobretudo em situação de asilo por conta de perseguições políticas, é uma importante forma de resistência.

Este resumo consiste, sobretudo, do subcapítulo 1.2 “Hospitalidade e hostilidade em trânsito”, da parte primeira da dissertação supramencionada. Este recorte é concernente ao exílio e, mais especificamente, à questão do hóspede. A dicotomia hospitalidade e hostilidade começa a ser explorada a partir da visão judaico-cristã sobre o tema, passando pelos preceitos islâmicos de hospedagem, até, por fim, chegar em como essas relações se dão entre as personagens do romance *Em Trânsito*.

4. CONCLUSÕES

A obra de Anna Seghers traça um retrato preciosíssimo, tanto do período da Segunda Guerra quanto das suas consequências, sendo a escritora um dos expoentes literários em questões de exílio. Apesar de canônica na Alemanha e bem reconhecida no mundo com esse gênero literário, ela é virtualmente desconhecida no Brasil.

As bases teóricas que adotamos para interpretar a obra, isto é, teorias sobre o hóspede e sobre o nome próprio, parecem-nos, até o momento, inéditas na análise dos escritos de Seghers.

Os temas hospitalidade e hostilidade com relação a refugiados estrangeiros não nos são nada estranhos. Ultimamente, devido a guerras e perseguições religiosas, especialmente no Oriente Médio, milhões de pessoas se deslocam forçadamente de seus países a cada ano e se encontram em situação de “hospedagem”. Tudo isso não apenas justifica a relevância da nossa pesquisa quanto nos instiga a aprofundarmos tais questionamentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2000.
- BIBLIA de Estudo Arqueológica NVI. São Paulo: Editora Vida, 2013.
- DERRIDA, Jaques. **Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.
- _____ . **Salvo o Nome**. Campinas: Papirus, 1995.
- KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- NANCY, Jean-Luc. **El intruso**. Buenos Aires: Amorrott, 2006.
- RIBEIRO, Luciane Martins. **A subjetividade e o outro. Ética da Responsabilidade em Emmanuel Levinas**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.
- SEGHERS, Anna. **Em Trânsito**. Tradução de Marijane Lisboa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____ . **Histórias Vividas**. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, 1961.